

POR UMA RAZÃO NÃO CORROMPIDA

Pedagogia do Iluminismo¹ e Construção da Ciência

ARIANE PATRÍCIA EWALD

RESUMO - O século XVIII se caracteriza, essencialmente, pela difusão do uso da razão como meio para atingir o progresso. Buscava-se, portanto, uma sociedade regida pela Aufklärung, "esclarecida". Este artigo, procura fazer uma discussão sobre o projeto de uma sociedade esclarecida que usa o livro como instrumento pedagógico fundamental na consecução de seus objetivos. Para tanto, nos deteremos em três livros, significativos pela sua repercussão e por conterem claramente aquele projeto pedagógico: a Encyclopédie de Diderot e D'Alembert, o Émile de Rousseau e o Traité Médico-Philosophique sur l'Aliénation Mentale de Philippe Pinel.

ABSTRACT - The XVIIIth century is essentially characterized by the diffusion of the use of reason as a means to attain progress. Therefore, the search was for a society ruled by Aufklärung, "enlightened". This article is a discussion on the project of an enlightened society that uses the book as a fundamental pedagogic tool in accomplishing its objectives. For that purpose, we concentrated on three books, meaning-ful both for their repercussion and for clearly containing that pedagogic project: Diderot's and D'Alembert's Encyclopédie, Rousseau's Émile and Philippe Pinel's Traité Médico-Philosophique sur l'Aliénation Mentale.

'(...) cada sociedade gera um tipo de saber onde se exprimem consciente ou inconscientemente, as estruturas, os valores e os projetos dessa mesma sociedade. Cada sociedade possui seu estilo e este se reflete em sua concepção do conhecimento"².

Introdução

O Século XVIII, inegavelmente, é um marco na história da civilização e a Revolução Francesa uma linha divisória na formação do pensamento e do sujeito modernos. Esta revolução, obrigou-nos a decidir uma nova maneira de ser, como afirma Badiou³. Deixou, sem dúvida, a certeza de que o homem poderia, real e

¹ Neste artigo, usarei o termo **Esclarecimento**, como tradução de *Aufklärung*, em lugar de Iluminismo ou Luzes, seguindo a orientação de Guido Antonio de Almeida na "Nota Preliminar do Tradutor" do livro *Dialética do Esclarecimento* ADORNO e HORKHEIMER. Todos os livros e autores citados no texto, encontram-se nas Referências Bibliográficas.

² THUILLIER, *apud* JAPIASSU. *As Paixões da ciência*. p.11.

³ BADIOU. *Para uma nova teoria do sujeito*, p.109.

concretamente, converter-se no artífice do seu próprio destino e que este empenho, deveria advir do esforço de **muitos**⁴.

Sair do século XX para mergulhar no século XVIII, não é simplesmente voltar ao passado, ou perder-se nele, como muitos acreditam. Na verdade, como a própria história da ciência nos mostra, não voltamos ao passado, nós o retomamos de uma determinada perspectiva para, agora, tentar compreender por um outro ângulo o que foi vivido naquele período. Resgatar, portanto, as fontes primárias é crucial para “navegarmos” neste passado, sabendo que sem elas e sem estes matemáticos, astrólogos, feiticeiros, curandeiros, médicos, alquimistas, químicos, físicos... o curso da história teria sido outro. Ao retomar estas fontes, podemos ver que o homem é uma lenta e prolongada construção do próprio homem, afirmativa de Norbert Elias⁵, mas que podemos encontrar no dizer filosófico de vários pensadores.

O termo história das ciências nos remete a várias direções para refletirmos sobre o passado. Partiremos de dois ramos, o do Esclarecimento e o da Medicina, ambos vistos através de textos escritos naquele período e divulgados, essencialmente, mas não exclusivamente, por um veículo, o livro.

O projeto de uma “sociedade esclarecida”, é um projeto pedagógico que encontra na figura do *philosophe* o obreiro na luta da “luz” contra as “trevas”, isto é, “na difusão do uso da razão para dirigir o progresso da vida em todos os aspectos⁶. A figura do *philosophe*, portanto, está associada à de um educador, um vivificador de idéias que se deixa guiar pelas luzes da razão numa luta incessante contra o princípio de autoridade natural, contra toda e qualquer tirania. O veículo para este fim pode ser o livro que se torna mais acessível a partir do século XVII com o surgimento, como afirma Chartier, de “novas modalidades da relação com a escrita”⁷. A leitura em voz alta, afirma este autor, já havia se constituído como uma prática habitual neste período, fosse ela realizada por trabalho ou lazer, na cidade ou no campo e mesmo ao acaso da rua ou entre trabalhadores. Darnton (1996) no seu estudo sobre as várias edições da *Encyclopédie*, mostra que este universo, o dos livros, movimenta uma série de atividades, desde apanhar trapos para o fabrico do papel, como a de transmitir a palavra de Deus. Além de serem produtos de trabalho artesanal, eram também “objetos de troca econômica, veículos de idéias e elementos de conflitos políticos e religiosos”⁸. Os livros passaram a ser um grande negócio, perigoso em certo sentido, mas muito lucrativo. Elevava-se a cada ano o número de pessoas que sabiam ler, sendo a religião - especialmente a protestante - uma das responsáveis pela elevação dos índices de alfabetização⁹. Surgiram as Salas de Leitura e aumentou o número de tipografias, oficiais e clandestinas¹⁰. O livro, então, torna-se um veículo extremamente importante na divulgação de novas idéias e na “modelação” de uma nova sociedade, uma sociedade esclarecida. Da mesma forma como procede Darnton no seu trabalho sobre a literatura clandestina no século XVIII - *Edição e Sedição* -, nós temos como resgatar, através de uma significativa variedade de fontes, este projeto pedagógico, mas não temos meios para avaliar, de maneira geral, as possíveis modificações que a leitura de um livro produziria, a nível subjetivo, nos cidadãos deste período.

Portanto, aquilo que poderíamos chamar genericamente de “projeto pedagógico do esclarecimento”, será analisado aqui através de três livros: a *Encyclopédie* de Diderot e D’Alembert (1751), o *Émile* de

4 Este esforço aparece na variedade de avanços tecnológicos realizados pelo homem. Na História das Ciências, especificamente no ramo da medicina, os séculos XVI e XVII foram extremamente frutíferos para que no século XVIII aparecesse, por exemplo, o tratado sobre os tecidos de Marie François Xavier Bichat (1771-1802), trabalho essencial para a compreensão do surgimento da anátomo-patologia. Ver FOUCAULT, *O Nascimento da clínica*. As idéias fundamentais do tratado escrito por Bichat, foram “reclamadas” por Philippe Pinel como sendo suas. Ver PINEL, *Nosographie philosophique*, tomo I, p.XIX, nota (I).

5 ELIAS, *O Processo civilizador*.

6 BOBBIO, *Dicionário de política*, p.605.

7 CHARTIER, *As Práticas da escrita*, p.113.

8 DARNTON, *O Iluminismo como negócio*, p.13.

9 CHARTIER, *op.cit.*

10 Ver DARNTON, *Edição e sedição e O Iluminismo como negócio*.

Jean-Jacques Rousseau (1762) e o *Traité Médico-Philosophique sur l'Aliénation Mentale* de Philippe Pinel (1801), especificamente em relação ao seu "Tratamento Moral"¹¹.

A Encyclopédie: um projeto grandioso

O projeto da publicação da *Encyclopédie* parecia algo impossível para a época. Objetivava reunir os conhecimentos dispersos para que, ao tomar os homens mais instruídos, também se fizessem mais virtuosos e felizes. Desta forma, a crença na razão esclarecida é, por sua vez, a crença na libertação do homem. A *Encyclopédie* "foi criada para mudar a maneira comum de pensar"¹², ou seja, fornecer uma base para reinterpretar o mundo.

Sua gênese está inspirada na primeira enciclopédia, a *Cyclopaedia* do inglês E. Chambers, publicada em 1728. Diderot e D'Alembert foram encarregados pelo livreiro e tipógrafo André-François Le Breton da tradução deste *Dicionário Universal das Artes e Ciências* para publicação em francês. É a partir desta tradução que um novo projeto se esboça, um projeto que vai estender-se por mais de vinte anos, compondo uma obra monumental composta de dezesseis volumes de texto, publicados entre 1751 e 1765; onze volumes de pranchas e ilustrações, publicados entre 1762 e 1772; o *Supplément*, com quatro volumes de texto e um de ilustrações publicado entre 1776 e 1777; e uma *Table Analytique* em dois volumes publicada em 1780¹³.

A *Encyclopédie* representa claramente o "espírito do esclarecimento", o fascínio que o homem adquire ao se dar conta do poder que exerce sobre si e sobre as coisas. O progresso adviria, desta forma, do entendimento racional do domínio das forças em ação, resultado de uma educação esclarecida. No centro de tudo isto, a Razão, que deixou de ser possessão ou soma de "idéias inatas", como afirma Cassirer, para constituir-se naquilo que descobre, estabelece e consolida a verdade¹⁴.

O *Prospecto* - texto que anuncia oficialmente a *Encyclopédie* - lançado em 1750 por Diderot e D'Alembert, procura demonstrar a necessidade de um livro com tais características e já evidencia um projeto pedagógico.

"Como urgia, portanto, ter nesse gênero um livro que se pudesse consultar sobre todas as matérias e que servisse tanto para guiar os que tivessem coragem de trabalhar para instruir os outros quanto para esclarecer os que somente se instruem por si mesmos"¹⁵.

O primeiro passo para isto é a organização deste saber e como proceder em relação a ele. Assim, Francis Bacon, colaborador da *Encyclopédie*, traça uma "árvore genealógica de todas as ciências e todas as artes que marcassem a origem de cada ramo de nossos conhecimentos"¹⁶. Mas este conhecimento deve ser também estendido para além das Ciências: deve incluir as Artes Liberais e as Artes Mecânicas. Para tanto, são elaborados os volumes de pranchas, acompanhados de descrições e explicações sobre cada arte¹⁷ (ver figuras).

O projeto inicial para as pranchas, como afirmam os autores no *Prospecto*¹⁸, almeja ser maior e melhor

11 Ver PINEL, *Traité...*, especialmente a SECT. IV: "Police intérieure, et règle à suivre dans les établissements consacrés aux aliénés", cujo item VIII trata dos princípios do Tratamento Moral.

12 CASSIRER, *Filosofia do Iluminismo*. p.34

13 PONS, "Préface à la présente édition". In: DIDEROT e D'ALEMBERT. *Recueil de planches...*, v. I, p.V. Ver também DARTON. *O Iluminismo como negócio*. p.36-37.

14 CASSIRER, *op.cit.*, p.32.

15 DIDEROT e D'ALEMBERT. *Prospecto*. In: *Enciclopédia ou dicionário raciocinado das ciências, das artes e dos ofícios por uma sociedade de letrados. Discurso preliminar e outros textos*, p.139.

16 *Id. ibid.*, p.141.

17 *Idem*, *Recueil de Planches, sur Les Sciences, Les Arts liberaux, et Les Arts mécaniques, avec leur explication*.

18 *Id.*, *Prospecto*, p.151.

do que a enciclopédia inglesa que possuía trinta pranchas. Inicialmente sua proposta era de 120 pranchas. Mas, no *Prospecto*, os autores avisam aos assinantes da *Encyclopédie* - mais de quatro mil em 1757 - que o trabalho poderá ter mais de seiscentas pranchas, o que para a época já representava um empreendimento extraordinário. Ao final, segundo Pons, os onze volumes destinados às descrições das Artes, continham 2.900 pranchas¹⁹.

Para dar conta do trabalho, Diderot cercou-se de toda a literatura técnica à disposição na época; contou com a colaboração dos mais conceituados artesãos e técnicos, de numerosas *mémoires* - que lhe foram “espontaneamente enviadas por especialistas, amigos da causa enciclopédica, engenheiros, funcionários, industriais, operários”²⁰ - como também de maquetes e máquinas que mandou construir para melhor compreender o funcionamento daquilo que procurava descrever. Muitas vezes foi necessário “fazer-se aprendiz”, afirmam os autores.

Tanto no *Prospecto* quanto no *Discurso Preliminar dos Editores*, Diderot e D’Alembert expõem seu método de trabalho, nele demonstrando o exercício da razão, a extensão do esclarecimento, o alcance da liberdade e a chegada do progresso. Seu trabalho é oferecido a todos: ao leitor estudioso que quer satisfazer a sua curiosidade como artista, e também ao próprio artista, que junto ao filósofo busca aproximar-se da perfeição²¹. Como afirma Cassirer:

“O século XVIII está impregnado de fé na unidade e imutabilidade da razão. A razão é uma e idêntica para todo o indivíduo pensante, para toda a nação, toda a época, toda a cultura”²².

Foi necessário, portanto, recorrer aos “operários”, frequentar suas oficinas, interrogá-los e reconhecer que

“Entre mil, mal encontramos uns 12 em condições de se expressarem com alguma clareza sobre os instrumentos que usam e sobre as obras que fabricam. Vimos operários que trabalham há 40 anos sem nada conhecerem de suas máquinas. Foi-nos necessário exercer com eles a função de que se orgulhava Sócrates, a função penosa e delicada de fazer dar à luz os espíritos: *obtetrices animorum*.

(...)

Foi assim que nos convencemos da ignorância na qual nos encontramos sobre a maioria dos objetos da vida e da necessidade de sair dessa ignorância.”²³

A *Encyclopédie* encerra todas as características deste projeto pedagógico do século XVIII. Esta filosofia que se forma, buscará a sua concretização na política, apontando a necessidade do esclarecimento como condição *sine qua non* para se obter a liberdade. Necessitava-se de uma “nação regenerada”, afirma Baczo (1989), de uma ruptura com o passado danoso para que uma nova sociedade dali emergisse sob os princípios da igualdade, da liberdade e da fraternidade.

Émile: o novo cidadão

Buscava-se uma grande transformação social, e, o modo de pensar do Esclarecimento forneceu as bases para a Revolução que, desde o início, demonstrou sua “vocaçã pedagógica”, transformando-se

19 PONS, *op. cit.*

20 *Id. ibid.*, p.VII.

21 DIDEROT, *Prospecto*, p.151.

22 CASSIRER, *op. cit.*, p.23.

23 DIDEROT e D’ALEMBERT. *Discurso preliminar dos editores*. p.97.

em missão do Estado: o sonho de produzir novos cidadãos livres e esclarecidos. A Revolução passaria a agir como a “engrenagem fundamental” sob a qual a educação estaria agindo como a “engrenagem necessária” para que este novo cidadão surgisse.

“(…) o Estado-Nação se definiu como um *Estado Educador*. (…) o debater pedagógico foi quase permanente e os projetos de educação pública que inventavam uma pedagogia esclarecida a serviço da nação soberana e, portanto, da democracia, foram inumeráveis”²⁴.

Este projeto pedagógico busca atingir não só as instituições, mas principalmente a vida cotidiana do cidadão, penetrar no seu ofício, no seu lar, na sua família, no seu corpo, na sua subjetividade. Uma nova moral é estabelecida, funcionando como um “olho” que tudo vê²⁵. O Estado controla os cidadãos e estes controlam uns aos outros.

Assim funciona a educação no *Émile* de Rousseau. Faz-se necessário um guia que não desvie o ser humano do caminho natural que ele deve seguir. A natureza tem a sua sabedoria e deve o homem, portanto, saber cumprí-la. O caminho seguro para o esclarecimento é a volta à natureza, isto é, o retorno à “natureza natural da racionalidade”.

A natureza é patroa, senhora do desenvolvimento. Essa idéia fornece um novo *status* imaginário à criança, vista até então como um animal privado de razão. Certos educadores recomendavam a frieza no tratamento às crianças, pois estas possuíam uma malignidade natural. Sendo a natureza patroa, deve-se deixá-la agir sobre a criança; por isto a primeira educação deve ser “negativa”, defende Rousseau²⁶. Ela consiste em evitar que o desenvolvimento natural da criança seja corrompido e desviado da sua trajetória por influência de um comportamento considerado “moralmente inadequado” pelos que estão à sua volta. Ela também significa que não se deve apressar o desenvolvimento natural, pois cada criança deve realizar experiências de acordo com o seu ritmo.

“Não façais, portanto, como o avarento que perde muito por não querer perder nada. Sacrificai na primeira infância um tempo que recuperareis com juros em idade mais avançada.”²⁷

Educar, do latim *educare*, significa **conduzir**. O homem é dotado de uma natureza, deve-se, portanto, somente conduzi-la e deixar que esta natureza haja por si só: a natureza da bondade original. Esta concepção de homem fornece uma essência natural do homem, a de que ele já nasce bom e que é a sociedade que o corrompe. Bastaria, então, segundo Rousseau, deixar florescer na criança, essa “bondade original” para que ela se desenvolva no caminho correto da razão.

O *Émile* não é apenas mais um livro nas prateleiras do século XVIII. Ele é um dos possíveis responsáveis pelas mudanças nas atitudes em relação à criança, como também um forte instrumento para buscar uma alteração no comportamento da mulher. Na época, sua repercussão social aparece numa série de elogios dirigidos a Rousseau durante a Revolução. Ele não foi um sucesso editorial como *La Nouvelle Héloïse* de 1761 - que teve pelo menos 70 edições antes de 1800²⁸, sendo considerado o *best-seller* do século -, mas obteve maior êxito do que *Do Contrato Social*, segundo Manin (1889).

Com a publicação de *Émile* e *La Nouvelle Héloïse*, Rousseau cristalizou novas idéias, dando impulso à formação de uma família fundada no amor materno.

Darnton demonstra através de um estudo sobre um dossiê - quarenta e sete cartas escritas por um “típico cidadão burguês” do fim do século XVIII a um livreiro - que essa mudança real provocada pelos

24 BACZKO, Iluminismo. In: FURET e OZOUF. *Dicionário crítico da revolução francesa*. p.759.

25 FOUCAULT. O Olho do poder. In: *Microfísica do poder*.

26 ROUSSEAU. *Émile*, p.80.

27 *Id. ibid.*, p.81.

28 DARNTON. Os leitores respondem a Rousseau: a fabricação da sensibilidade romântica. p.310.

escritos de Rousseau, provinha da própria maneira com que ele buscava ser lido pelos seus leitores. Para estes, seus livros não eram só para ler, “mas para lidar com a vida e, especialmente, a vida familiar”²⁹. Na sua visão, esta maneira de ler explodiria com as convenções estabelecidas regenerando a sociedade.

As diretrizes prescritas no *Émile*, eram seguidas à risca pelo protagonista do dossiê acima citado, o sr. Jean Ranson. Ao casar-se e tornar-se pai, nas cartas de pedidos de livros, faz as seguintes revelações ao seu amigo livreiro:

“Tudo que *l'Ami* (sic) Jean-Jacques (Rousseau) escreveu sobre os deveres dos maridos e esposas, de mães e de pais, teve um profundo efeito sobre mim; e confesso-lhe que me servirá como norma, em qualquer destes estados que eu deva ocupar.”

“Por favor, condiga para mim, se possível, uma excelente dissertação sobre educação física das crianças (...) Estou prestes a me tornar pai e penso como posso cumprir meus deveres da melhor maneira.”

“Que prazer sinto em observar esta jovem criatura crescer! E quanta felicidade terei, se ela continuar a viver e se, pela boa educação, eu puder extrair o máximo da bondade de sua natureza.”³⁰

Para sustentar este novo valor que apareceu nos últimos trinta anos do século XVIII, Badinter (1985) atenta para algumas medidas que se fizeram necessárias na tentativa de transformar a relação mãe-filho. Três discursos apareceram em defesa da criança.

O **primeiro** discurso é de cunho econômico, dirigido aos homens esclarecidos, salientando a importância da população, e exaltando a criança, pois ela seria, potencialmente, uma riqueza econômica. Faz-se necessário, portanto, que se dê recomendações às mães para que sejam menos negligentes e cuidem, elas mesmas, dos seus bebês e que, sobretudo, amamentem. Estas recomendações foram feitas para uma população de mulheres que já tinham o costume da contracepção, segundo Duparquier (1989), e do uso dos serviços de amas-de-leite, desde o século XIII.

Rousseau, no Livro I do *Émile*, é enfático nestas recomendações e nas críticas às práticas consideradas descuidadas no trato com as crianças. Ao criticar a prática das amas-de-leite no uso de faixas³¹ que impediam os movimentos das crianças, Rousseau afirma que este “mau hábito” vem de um costume que ele considera como “anti-natural”.

“Desde que as mães, desprezando seu principal dever, não mais quiseram amamentar os filhos, foi preciso confiá-los a mulheres mercenárias que, vendo-se assim mães de filhos estranhos, e não sentindo o apelo da natureza, não se preocupam senão com poupar trabalho”³².

A crítica de Rousseau às “mães irresponsáveis” que não amamentavam seus filhos, encontrou eco nos homens esclarecidos como também em algumas mulheres. Madame d'Épinay, cita Badinter, é um exemplo desta “nova mulher” que, agora, se empenha na execução do seu mais recente papel.³³

No dossiê já citado anteriormente, vemos o sr. Ranson, em 1778, seguir a orientação de Rousseau, “o profeta da amamentação e do amor materno”:

29 *Id. ibid.*, p. 308.

30 Jean Ranson, *apud* DARNTON, *ibid.*, p. 303, 303 e 307 respectivamente.

31 “Eles eram vestidos, primeiro, com uma pequena camisa, veste grosseira que fazia várias dobras e pregas, e sobre ela um cueiro; em seguida, os braços eram colocados contra o peito, e as crianças envolvidas com uma larga faixa sob as axilas, que lhes imobilizava braços e pernas. Dobravam-se fraldas e faixas entre as coxas e completava-se o todo com uma faixa circular apertada ao máximo dos pés ao pescoço”. BADINTER. *Um amor conquistado*, p. 125.

32 ROUSSEAU, *Emílio*, p. 18.

33 Ver BADINTER. *Um amor conquistado*, p. 116-117.

“Minha esposa me fez pai de uma menina, que passa muito bem e está sendo amamentada pela mãe com o maior sucesso.”

“Estamos comovidos, minha esposa e eu, pelas coisas generosas que o senhor diz pelo nascimento de nossa filha, que a mãe continua a amamentar com o maior sucesso e sem sentir o menor incômodo”.³⁴

Mas a nascente ideologia da produção converte o ser humano numa provisão preciosa para o Estado: além de produzir riquezas, ele é uma garantia do seu poderio militar. A perda humana tornou-se um dano para o Estado”.³⁵

O discurso sobre uma prole cuidada procura propor a possibilidade de uma vida melhor no futuro; a esperança de riqueza para a vida de todo cidadão caminha paralelamente à riqueza do Estado. As crianças que sobrevivem tornam-se a expectativa de maior opulência para todos, especialmente ao tornar-se mão-de-obra agrícola e manufatureira, além de soldado e povoador de colônias.

O **segundo** discurso é uma exaltação ao amor materno, dirigido aos homens e às mulheres. Nele aparecem as características da boa mãe e do bom pai, que devem zelar pela criança que deles depende, e uma nova teoria da família, baseada no amor e na fraternidade do casal.

Este discurso fala em termos de liberdade e igualdade, aproximando o casal na busca da felicidade através do amor. O pai exerce a sua autoridade, que é de origem natural e divina. A mãe torna-se doce e sensata, modesta e ponderada, e suas ambições não ultrapassam o limite do lar.

A nova teoria da família aparece no *Do Contrato Social* de Rousseau, evidenciando que outros laços podem surgir entre pais e filhos que não necessariamente os de natureza instintiva e de necessidade. Esses novos laços são voluntários e, se pais e filhos permanecem juntos é por um vínculo de natureza diferente.³⁶

A casa agora é um lar feliz e doce, e a família deve ser o espelho deste estado. Assim afirma Rousseau, reenfatizando que quando a família é viva e animada, todo e qualquer serviço doméstico torna-se uma “ocupação cara” à mulher, e “o mais doce divertimento do marido”.

Para reforçar a nova ideologia e tentar atingir os não-esclarecidos, a nova moral adapta os provérbios e os contos horripilantes provenientes da tradição oral, que eram narrados à beira do fogo nas cabanas dos camponeses nas longas noites de inverno. Hoje, estes mesmos contos, depois de devidamente adaptados a uma nova lógica mais condizente com o mundo infantil que conhecemos e vivemos, são conhecidos como “contos de fadas”.

34 RASON *apud* DARNTON, Os leitores respondem a Rousseau: a fabricação da sensibilidade romântica. In: *O Grande massacre de gatos*. p.304. A preocupação com recém-nascidos não era gratuita, pois a taxa de mortalidade infantil era altíssima. Segundo SANDRIN, metade das crianças nascidas não passava dos dois anos. O próprio ROUSSEAU, no início de *Émile*, afirma que metade das crianças que nascem morrem antes dos oito anos. SANDRIN, “Um novo olhar sobre a infância”. In: VOVELLE. *França revolucionária*. Para maiores dados ver também BADINTER, *Um Amor Conquistado*.

35 Nesta perspectiva, compreende-se perfeitamente a irônica *Modesta Proposta...* (1729) de JONATHAN SWIFT. Baseado nas dificuldades que a Irlanda enfrenta e os cálculos minuciosos, SWIFT propõe que certo número de crianças fosse reservado somente para a produção - um macho para cada fêmea - e que o restante fosse colocado à venda com a idade de um ano, “para pessoas de bem e fortuna em todo o Reino, sempre se aconselhando às mães que as deixassem mamar abundantemente durante o último mês de modo a torná-las gordas e rechonchudas para uma boa mesa. Uma criança daria dois pratos numa recepção para amigos e, jantando a família a sós, o quarto dianteiro ou traseiro daria um prato razoável, e temperado com um pouco de pimenta ou sal ficaria muito bom fervido no quarto dia, principalmente no inverno.” SWIFT, *Modesta proposta para evitar que as crianças da Irlanda sejam um fardo para seus pais ou para o seu país*.

36 “A mais antiga de todas as sociedades e a única natural, é a da família e, ainda assim, os filhos só permanecem ligados aos pais enquanto precisam deles para subsistir. Logo que essa necessidade cessa, o laço natural se dissolve. Os filhos isentos da obediência que deviam ao pai, os pais isentos dos cuidados que deviam aos filhos, recobram todos igualmente a independência. Se continuam unidos, isso já não ocorre naturalmente, mas voluntariamente, e a família em si só se mantém por convenção” ROUSSEAU. *Do Contrato social*. In: *Obras II*, p.20.

“É a natureza inescrutável e inexorável de calamidade que torna os contos tão comoventes, e não os finais felizes que eles, com frequência, adquirem depois do século XVIII.”³⁷

Os contos narrados pelos camponeses no século XVII, estavam longe de ocultar as suas mensagens com símbolos e sutilezas sobre o mundo em que se vivia. Estes contos não eram moralizantes, como os de Charles Perrault, nem lidavam com abstrações, afirma Darnton; eles retratavam um mundo que era carregado de brutalidade. Charles Perrault foi um dos primeiros a reunir estes contos e organizá-los sob forma escrita, mas totalmente adaptados ao gosto dos cortesãos da época, 1697 - *Contes de ma mère l'oye*. Os contos dos irmãos Grimm, publicados no início do século XIX, foram mais uma transformação nestas histórias que representavam uma sociedade repleta de brutalidade. Como afirma Darnton, enquanto que os contos franceses enfatizam o drama, o humor e a domesticidade, os alemães mantêm um tom de terror e fantasia, onde havia uma grande variedade de seres mágicos. Desta forma,

“Embora cada história se prenda à mesma estrutura, as versões das diferentes traduções produzem efeitos inteiramente diversos - burlescos, nas versões italianas; horríficos, nas alemãs; dramáticos, nas francesas; e humorísticos, nas inglesas.”³⁸

Darnton demonstra que os contos dos camponeses franceses não buscavam de modo algum fazer pregações ou dar lições de moral, pelo contrário, eles mostram que o mundo é um lugar duro e perigoso procurando sempre sugerir cautela a crianças e adultos. Eles comunicam uma maneira comum de elaborar as experiências vividas neste mundo rude e um modo de enfrentá-lo. “O mundo é composto de tolos e velhacos, dizem: melhor ser velhaco do que tolo.”³⁹

O terceiro discurso elaborado para proteger as crianças é exclusivamente dirigido às mulheres, recheado de promessas às boas mães e esposas e de ameaças, àquelas que não cumprirem os deveres naturais que cabem a toda e qualquer mulher normal.

A essas mulheres, que cumprem com “virtuosa intrepidez o dever tão suave que a natureza lhes impõe”. Rousseau promete,

“um apego sólido e constante de seus maridos, uma ternura realmente filial por parte de seus filhos, a estima e o respeito do público, partos felizes e sem acidentes nem conseqüências, uma saúde constante e vigorosa, o prazer, enfim, de se verem um dia imitadas por suas filhas e citadas como exemplo às de outrem.”⁴⁰

O fim do século XVIII é acometido não mais pela condenação teológica, mas pela condenação moral. Não amamentar seu próprio filho, negligenciar as atividades de mãe e do lar, desatender às necessidades do marido, é considerado um crime moral perante a sociedade, que agora vê a família como o reduto de onde emanarão os princípios formadores do novo cidadão.

Este projeto pedagógico visa prevenir que a razão seja corrompida. E, se para isto faz-se necessário que em vez de mulheres esclarecidas tenhamos mães e donas de casa, “mais vale que a [razão] das mulheres continue adormecida.”⁴¹

37 DARNTON. “Histórias que os camponeses contam: o significado de Mamãe Ganso”. In: *O Grande massacre de gatos*, p.78.

38 *Id. ibid.*, p.69.

39 *Id. ibid.*, p.92.

40 ROUSSEAU, *Emílio*, p.22.

41 BADINTER. *Um amor conquistado*, p.188.

Uma pedagogia para a loucura: o Tratamento Moral

A Revolução busca assim trazer um novo Estado e, sobretudo, um novo cidadão. Fazia-se necessário, portanto, novas medidas educacionais e morais. Pode-se dizer que foi formada uma política da fraternidade, que buscava atingir as mais diversas áreas de saber.⁴² Esta política da fraternidade procurou uma humanização até dos locais de atendimento aos doentes, transformando, ao mesmo tempo, os hospitais em local de estudo. Ali também a Pedagogia moral do Esclarecimento procurou estender seus domínios visando:

1. diminuir a população de atendidos pelo hospital instaurando assistência a domicílio;
2. garantir uma melhor distribuição da renda hospitalar entre as regiões;
3. melhorar a higiene e o atendimento nos estabelecimentos destinados aos doentes.⁴³

A obra da Revolução é a da “regeneração pública”, engendrada pela “regeneração moral” que inclui os sãos e também os loucos. Esta “operação” teve nos hospitais um de seus focos que, até o século XVIII, eram administrados por religiosos e se caracterizavam como instituições de caridade. A partir de 1792, os hospitais são postos sob intervenção do poder público e passam a ser dirigidos por cidadãos indicados pela Revolução. Foi desta forma que Philippe Pinel tornou-se médico-chefe do Hospício de Bicêtre e lá procurou empregar esta política da fraternidade. Considerado um dos maiores feitos da medicina revolucionária, Philippe Pinel supostamente libertou os loucos das suas correntes.⁴⁴ A nova psiquiatria, capitaneada por Pinel, liberta os loucos das correntes reais para melhor acorrentá-los com o seu tratamento moral. Pela primeira vez na história da medicina psiquiátrica, o corpo era devolvido ao paciente em troca de sua “alma”.

Todo este arsenal pedagógico do Esclarecimento depara-se com um razão desviada ao lidar com o louco, uma razão que não está sob o controle do “olhar” e que afastou-se do caminho das “luzes”. O louco necessita, então, de um guia que o faça sair da escuridão em que se encontra e aprender a seguir o caminho correto para tornar-se cidadão esclarecido da nova República.

Dentro deste horizonte, a loucura é percebida como incapacidade para o trabalho e como impossibilidade de integração social. Para sua regeneração o internamento é o primeiro passo - quebra os vínculos com a sociedade que o corrompeu - e o remédio passa a ser uma articulação entre psiquiatria e moral. Seu objetivo é unicamente atingir moralmente o louco. Os princípios de Pinel eram que os alienados, dirigidos por princípios da humanidade e resultados de uma experiência esclarecida, como afirma Semelaigne⁴⁵, deveriam ter seus desvios reprimidos com firmeza, mas que cada um no hospício desfrutasse de um grau de liberdade que estivesse de acordo com a sua segurança pessoal e a dos outros. Outro princípio diz respeito ao diretor do hospício, que deve tornar-se o confidente das aflições e inquietações dos alienados.

“Seu tratamento é marcado pela relação do prático com o doente através da autoridade, da firmeza, da benevolência, da compreensão e do cuidado para não cair sob a influência do

42 O trabalho de J. H. PESTALOZZI (1746-1827), que se dizia discípulo de ROUSSEAU, tem esta direção; queria formar indivíduos livres e desenvolvidos em todas as suas possibilidades, como também cidadãos úteis à sociedade. PONS, Pestalozzi. In: *ENCYCLOPÉDIE PHILOSOPHIQUE UNIVERSELLE*.

43 DUPRAT. O Hospital e a crise hospitalar. In: *VOVELLE. França revolucionária*, p.69.

44 Quanto a este simbólico fundador da nova psiquiatria, o de libertar concretamente os loucos de suas correntes, é preciso esclarecer que quem libertou os loucos do Hospício de Bicêtre foi o sr. Pussin, ex-interno e guarda-assistente deste hospício, e em data diferente da divulgada pelo próprio Pinel. Ver EWALD. *A psiquiatria não tem cura: o mito Pinel na sociedade contemporânea*. Dissertação de Mestrado. Para melhor compreender o calendário revolucionário, ver OZOUF, Calendário. In: FURET e OZOUF, *Dicionário crítico da revolução francesa*.

45 SEMELAINNE. *Les Pionniers de la psychiatrie française*.

louco que precisa ser dominado. Trata-se então de **dirigir**, de **dominar**, as paixões do doente. Para tanto, é preciso da autoridade moral da qual se reveste o médico; só ele poderia “subjugar a paixão” e “conduzir” o doente à cura.”⁴⁶

E finalmente, que para estudar melhor todas as variedades e espécies de loucura, seria preferível que os loucos estivessem num mesmo local para, por comparação, poder diferenciá-las melhor.

O hospital é o espaço de controle, onde o médico vai executar a investigação e o tratamento da razão desviada, seja ela causada, diz Pinel, por fatores físicos ou morais.⁴⁷ E é justamente às “causas morais” que Pinel dá maior importância; a elas atribui mais da metade dos casos. São as paixões em vários graus, emoções que perturbam a vida cotidiana, são os exageros no modo de viver, levando a uma perturbação.

“(…) uma ligeira emoção, algumas vezes, é suficiente para lançar uma mulher em convulsões violentas, enquanto que a mesma causa poderia, quando muito, produzir sobre outra pessoa alguns ligeiros tremores ou palpitações passageiras do coração.”⁴⁸

“Eu deixo para decidir se a análise das funções do atendimento acrescentou muito aos nossos conhecimentos sobre a perda da razão. Mas uma outra análise que aqui se relaciona **ainda mais diretamente é a das paixões**, de suas nuances, de seus graus diversos, de sua explosão violenta, de suas combinações variadas considerando-se por abstração de toda moralidade, e somente como fenômenos simples da vida humana.”⁴⁹

O Tratamento Moral é o método para que os loucos alcancem o esclarecimento. Esta terapêutica⁵⁰, em termos gerais, compreendia o trabalho e o tratamento humanitário e compreensivo dos doentes, uma “manipulação” do estado de ânimo do enfermo através de técnicas - onde a ameaça era preponderante -, da argumentação contra as idéias delirantes, incluindo estratégias e truques para convencer o louco das falsidades das suas convicções. Tudo isto fazia parte do “otimismo terapêutico” com o qual iniciaram-se as reformas hospitalares na Revolução.

Sua finalidade

“(…) é subjugar e domar o alienado, colocando-o numa dependência estrita de um homem que, por suas qualidades físicas e morais, seja adequado para exercer sobre ele um domínio irresistível e para mudar o círculo vicioso de suas idéias.”⁵¹

Seu método compreende também, para obter melhores resultados com os loucos que resistem em “mudar o círculo vicioso de suas idéias”, a doçura, o trabalho, uma voz firme, um olhar ameaçador, a reclusão numa solitária, a camisa de força, as duchas e os banhos frios - acreditando que inundando repetidamente a cabeça do alienado ele será reconduzido à ordem⁵² -, e o trabalho mecânico rigorosamente executado com “a mais segura e talvez única garantia de manutenção da saúde, dos bons costumes e da ordem.”⁵³

46 EWALD. *A Psiquiatria não tem cura*. p.148.

47 PINEL. *Traité Médico-Philosophique sur l'aliénation mentale*, Seção I.

48 PINEL. *Nosographie philosophique*. t. III, p.06.

49 PINEL. *Traité*, Introduction à la Première Édition”, p. XXII (grifo meu).

50 PINEL. *Traité*, Seção IV.

51 PINEL. *Traité*, 1a edição, 1801, p.58, apud BERCHIERE, *Les fondements de la clinique*, p.35.

52 PINEL. *Traité*, Nota de Rodapé, p.329.

53 PINEL. *Traité*, p.237.

Longo percurso este: saímos das sangrias, dos vomitórios e exutórios⁵⁴, passamos pelo tratamento moral e suas técnicas punitivas, enveredamos pelo campo das cirurgias e o eletrochoque para chegarmos às drogas com seus múltiplos efeitos colaterais e a psicoterapia. Este “diálogo” com o paciente, teve suas primeiras formas no tratamento moral, quando se procurava dissuadir o alienado de suas idéias “errôneas”, abalando a sua imaginação e imprimindo-lhe medo.

Este tratamento é embasado no princípio da autoridade até a morte, isto é, o louco está submetido à vontade do médico até receber alta. Só ele, o médico, o “amigo”, o esclarecido, poderia “subjugar a paixão” e conduzir o doente à cura.

O Projeto Pedagógico do Esclarecimento, visto através de Diderot e D’Albert, de Rousseau e de Pinel, continua ecoando até os nossos dias. Da mesma forma como os autores da *Encyclopédie* estavam seguros de que, para atingir a perfeição final de uma tal obra - séculos de trabalho seriam necessários - o Projeto Pedagógico do Esclarecimento também necessitaria de muito tempo e do trabalho de muitos para ter continuidade. Todo processo revolucionário inclui, necessariamente, muitos, e afinal, são estes muitos que compõem o que designamos por sociedade.

54 Exutório: ferida aberta propositalmente para supuração permanente.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BADIOU, A. *Para uma nova teoria do sujeito: conferências brasileiras*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1994.
- BACZKO, B. Iluminismo. In: FURET, F., OZOUF, M. *Dicionário crítico da revolução francesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, p.754-763, 1989.
- BADINTER, E. *Um amor conquistado: o mito do amor materno*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.
- BERCHERIE, P. *Les fondements de la clinique*. Paris: Navarin, 1980.
- BESNIER, J. M. A Europa dos filósofos. In: VOVELLE, M. *França Revolucionária*. São Paulo: Brasiliense, p. 39-43, 1989.
- BOBBIO, N., MATTEUCCI, N., PASQUINO, G. Iluminismo. In: *Dicionário de política*. Brasília: Universidade de Brasília, 1986.
- CASSIRER, E. *Filosofia do iluminismo*. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1994.
- CHARTIER, Roger. *As Práticas da escrita*. In: ARIËS, P. e DUBY, G. *História da vida privada*, v. 3., p. 112-161. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.
- COROMINAS, J. *Diccionario crítico etimológico de la lengua castellana*. Madrid: Gredos, 1954. v.II
- DARNTON, R. Os Leitores respondem a Rousseau: a fabricação da sensibilidade romântica. In: *O grande massacre de gatos*. Rio de Janeiro: Graal, 1986. p. 277-328
- _____. Histórias que os camponeses contam: o significado de mamãe ganso. In: *O grande massacre de gatos*. Rio de Janeiro: Graal, p.21-101, , 1986.
- _____. *O Iluminismo como negócio*. História da publicação da *Enciclopédia 1775-1800*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- _____. *Edição e sedição*. O Universo da literatura clandestina no século XVIII. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.
- DIDEROT e D'ALEMBERT. *Recueil de planches, sur les sciences, les arts liberaux, et les arts mécaniques, avec leur explication*. Ce volume constitue la première reproduction rigoureuse et intégrale de l'édition originale des planches de 'Encyclopédie ou dictionnaire Raisonné des sciences, des arts et des métiers mis en ordre et publiés par MM. Diderot et d'Alambert. Paris: Cercle du Livre Précieux, 1964.
- _____. *Enciclopédia ou dicionário raciocinado das ciências, das artes e dos ofícios por uma sociedade de letrados. Discurso preliminar e outros textos*. Edição Bilíngue. São Paulo: UNESP, 1989.
- _____. Prospecto. In: *Enciclopédia ou dicionário raciocinado das ciências, das artes e dos ofícios por uma sociedade de letrados. Discurso preliminar e outros textos*. Edição Bilíngue. São Paulo: UNESP, p.137-152, 1989.
- _____. Discurso Preliminar dos Editores. In: *Enciclopédia ou dicionário raciocinado das ciências, das artes e dos ofícios por uma sociedade de letrados*. Edição Bilíngue. São Paulo: UNESP, p.19-35, 1989.
- DUPAQUIER, J. França natural e França contraceptiva In: VOVELLE, M. *França revolucionária*. São Paulo: Brasiliense, p.60-62, 1989.
- DUPRAT, C. O hospital e a crise hospitalar. In: VOVELLE, M. *França revolucionária*. São Paulo: Brasiliense, p.68-70, 1989.
- ELIAS, N. *O Processo civilizador*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993. v.2
- ENCYCLOPÉDIE PHILOSOPHIQUE UNIVERSELLE. Rousseau, Jean-Jacques. *Les Oeuvres philosophiques*. v. 1. Paris: PUF, p.1426-1436, 1992.
- EWALD, A. A Psiquiatria não tem cura: o mito Pinel na sociedade contemporânea. Dissertação de mestrado. Porto Alegre: PUC/RS, 1993.
- _____. Philippe Pinel: A Genealogia de um mito. *Revista Psicologia & Práticas Sociais*, v.1, n. 3, p.15-31. Rio de Janeiro: UERJ, 1993.

- FAUQUE, D.** Le chemin de la lumière ou l'instrument scientifique à travers les planches de l'*Encyclopédie*. *Revue Corps Écrit*, n. 35, Septembre, 1990.
- FOUCAULT, M.** *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Graal, 1989.
- JAPIASSU, H.** *As Paixões da ciência*. Estudos de histórias das ciências. São Paulo: Letras & Letras, 1991.
- MANIN, B.** Rousseau. In: **FURET, F., OZOUF, M.** *Dicionário crítico da revolução francesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1989. p.866-879
- MARQUES, J.** *Descartes e sua concepção de homem*. Com uma tradução do *Tratado do homem* de Descartes. São Paulo: Loyola, 1993.
- OZOUF, M.** Calendário. In: **FURET, OZOUF.** *Dicionário crítico da revolução francesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1989. p.465-473
- PINEL, Ph.** *Traité médico-philosophique sur l'aliénation mentale*. Faccímile da 2.ed. Paris: J. Ant. Brosson, 1809. New York: Arno Press, 1976 (Classics in Psychiatry).
- _____. *Nosographie philosophique ou La méthode de L'analyse appliquée à la médecine..* 5 ed. Paris: J. Ant. Brosson, 1813. t. III
- PONS, A.** Pestalozzi, Jonhann Heinrich In: *ENCYCLOPÉDIE PHILOSOPHIQUE UNIVERSELLE. Les Oeuvres philosophiques..* Paris: PUF, 1992, p.2023. t.1
- ROUSSEAU, J. J.** *Emílio ou da educação*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1992.
- _____. Do contrato social. In: *Obras II, Obras Políticas*. Rio de Janeiro: Globo, 1962.
- SANDRIN.** Um Novo olhar sobre a infância. In: **VOVELLE, M.** *França revolucionária*. São Paulo: Brasiliense, p.65-67,1989.
- SEMELAIN, R.** *Les Pionniers de la psychiatrie française..* Paris: Balillère, 1930. t. II
- SILVEIRA BUENO, F.** *Grande dicionário e etmológico-prosódico da língua portuguesa*. São Paulo: Saraiva, 1968. v.3.
- SWIFT, J.** *Modesta proposta para evitar que as crianças da Irlanda sejam um fardo para os seus pais ou para o seu país*. Edição Bilíngue. Porto Alegre: Paraula, 1993.

Artigo recebido em junho de 1997

ARIANE PATRÍCIA EWALD é Professora Assistente do Instituto de Psicologia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ. Doutoranda em Comunicação e Cultura na Escola de Comunicação - ECO/UFRJ.

Endereço: Rua Renato Meira Lima 595. CEP.22.735-120 - Tanque
Rio de Janeiro, R.J - Brasil
Telefone: (021) 392-1342

Revista da SBHC, n. 16, p. 3-15, 1996